



<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/prestar-atencao-aos-rios/>

“Prestar atenção aos rios exige ampliar os modos pelos quais observamos e nos relacionamos com o mundo” - entrevista com o antropólogo Fernando Monteiro Camargo

Emanuely Miranda [1]

Editora: Susana Dias

Na relação com as águas, antropólogo Fernando Monteiro Camargo nos conta sobre sua pesquisa de doutorado e nos atualiza sobre os atuais desdobramentos dela.

Encontros e afetos. Essas são palavras cujas dimensões muito importam para o modo de produzir ciência que o antropólogo Fernando Monteiro Camargo reivindica e busca praticar. Um exemplo disso é sua tese de doutorado “Vida, escrita e transbordamentos: biografias e etnografia do rio Piracicaba/SP”, que foi defendida no âmbito do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com orientação da professora Daniela Tonelli Mânica.

Na ocasião, o pesquisador se desafiou a cultivar uma biografia do rio Piracicaba que desviasse dos moldes tradicionais que reproduzem binarismos entre quem escreve e quem é escrito ou, quem sabe, entre natureza e cultura. Para tanto, investiu em um atlas-biográfico que se relaciona com a materialidade e a agência do meio aquoso, que engaja imagens e outras formas artísticas de expressão, que tanto conta quanto prolifera histórias e vínculos, que imagina mundos e futuros.

Seus próprios afetos pelo rio Piracicaba foram importantes para esse cultivo. Fernando Monteiro Camargo se relaciona com as águas desde a infância e sua disponibilidade em permanecer sensível e inclinado a elas tem a ver com a potência e a ética de sua pesquisa. Nesta entrevista para a revista ClimaCom, ele fala sobre a tese em questão e sobre as reverberações dela. Ou melhor, sobre seus transbordamentos.

Atualmente, Fernando Monteiro Camargo faz parte do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia - Observatório Nacional de Segurança Hídrica e Gestão Adaptativa (INCT - ONSEAdapta), por meio do



qual pratica a proposição da Mesa de Trabalho com as Águas junto à pesquisadora Susana Dias. Ele a entende como um dispositivo que cria “condições para que diferentes saberes, experiências e sensibilidades entrem em relação”.

Tudo isso ocorre como parte da Unidade Científica de Comunicação, Arte e Cultura. Uma de suas apostas tem a ver com a importância do envolvimento entre práticas artísticas e práticas científicas em um tempo de catástrofes. O trabalho de Fernando Monteiro Camargo vai exatamente nesse sentido.

Revista Climacom: Em sua tese de doutorado, você realiza o movimento de se colocar na pesquisa e assumir as histórias e os afetos que te conectam ao rio Piracicaba. Desde memórias de infância até episódios que envolvem uma materialidade da sua pele junto às águas, é possível perceber uma produção de conhecimento que não se desvencilha do corpo. Pelo contrário, parece fazer questão de engajá-lo. Para você, como pesquisador, qual a importância de uma ciência que leve tudo isso em conta?

Fernando Monteiro Camargo: Para mim, a questão de me colocar na pesquisa e trazer essa dimensão para a centralidade da produção de conhecimento é fundamental. Talvez algumas das maiores influências para essa inquietação tenham sido a leitura do Manifesto Ciborgue (1985), de Donna Haraway, os trabalhos de Tim Ingold e, também, em certa medida, as reflexões de Victor Turner sobre a dimensão da experiência. Todos eles, cada um à sua maneira, me ajudaram a perceber que pesquisar não é observar o mundo de um ponto externo e neutro, mas habitar relações, implicar-se nelas e reconhecer que todo conhecimento é experienciado e situado.

Ao mesmo tempo, eu diria que essa é uma busca permanente. E gosto de chamá-la de busca porque não acredito que exista uma forma única ou fechada de se colocar na pesquisa. Existem muitas maneiras possíveis de fazer isso, e todas elas são, inevitavelmente, incompletas. Mas entendo que a incompletude não é um problema a ser superado; ela é, na verdade, uma condição da própria pesquisa. Reconhecer os limites do que podemos conhecer e narrar talvez seja uma das formas mais honestas de produzir ciência.

No caso da minha pesquisa com o rio Piracicaba, percebi que as minhas memórias, experiências e afetos não eram algo que pudesse simplesmente ser deixado de lado. Eles são parte das relações que me conectam ao rio e, portanto, também do próprio processo de conhecimento/pesquisa.



Desde lembranças da infância até experiências corporais muito concretas junto às águas, tudo isso ajudou a compor as perguntas que eu fazia e os caminhos que a pesquisa seguiu. São as minhas experiências de vida que fazem a minha pesquisa acontecer.

Mas, quando falo em experiência, não me refiro a acontecimentos empiricamente observáveis, mesmo porque, a experiência não é observável. Interessa-me a experiência como aquilo que ganha forma narrativa, como algo que passa a existir de maneira compartilhável quando é contado, lembrado e colocado em circulação, é isso que tento fazer na minha pesquisa. Nesse sentido, uma experiência não permanece restrita à pessoa que a viveu; ela tem a capacidade de provocar novas experiências em quem narra e em quem a escuta ou a lê.

Talvez seja justamente por isso que me interessa trazer essas dimensões para a pesquisa. Quando narro uma memória, um encontro com o rio ou uma situação vivida durante o trabalho de campo, não estou apenas descrevendo um acontecimento. Estou defendendo politicamente o que deve ser narrado e criando condições para que outras pessoas se conectem àquela história a partir de suas próprias trajetórias e lembranças. Dessa forma, a experiência não aparece como evidência ou prova de um acontecimento passado. Seu valor não está em confirmar um fato, mas em abrir possibilidades de relação. A experiência funciona como um convite para que algo novo aconteça também ao outro, produzindo novas conexões, memórias e formas de atenção.

A pesquisa pode, então, criar situações de encontro, reconhecimento e afetação. As histórias que contamos têm a capacidade de deslocar percepções, despertar lembranças e produzir novos modos de atenção ao mundo. É nesse sentido que as experiências de vida não aparecem na pesquisa como ilustrações ou exemplos secundários, mas como parte constitutiva do próprio processo de conhecimento.

Dessa forma, entendo a ciência como um movimento de afetação, ou seja, como a capacidade que temos de afetar e sermos afetados pelos outros. Também a compreendo como um espaço de disputa ética e política. Essa percepção surgiu muito fortemente quando comecei a falar sobre rios em diferentes espaços. Quase sempre, ao contar algo sobre o rio Piracicaba, alguém respondia com uma história própria, uma lembrança ou algum encontro marcante com um rio. Havia sempre algo que mobilizava as pessoas. Isso me fez perceber que o conhecimento não circula apenas por argumentos ou dados; ele também circula por afetos. Acredito que é justamente nessa capacidade



de mobilizar experiências, produzir encontros e criar novas sensibilidades que reside uma das potências éticas e políticas da ciência.

Revista Climacom: O rio Piracicaba acompanha tanto sua vida quanto sua trajetória de pesquisa. Em determinado momento da tese, você fala sobre terem criado uma relação de confiança. O que esse tipo de relação te conta sobre um modo de estar no mundo em um tempo de catástrofes?

Fernando Monteiro Camargo: Acho importante, primeiramente, afirmar que quando falo em uma relação de confiança com o rio Piracicaba, não estou me referindo a uma confiança baseada na previsibilidade ou no controle. Essa talvez seja uma expectativa muito ligada a determinados ideais da ciência moderna, que historicamente buscou produzir certezas, estabilidades e capacidades de previsão sobre o mundo. Os rios, no entanto, me ensinaram outra coisa. Eles nos mostram que o mundo é feito de fluxos, transformações, encontros, contingências e transbordamentos que escapam aos nossos planejamentos. A confiança, nesse caso, não nasce da certeza, mas de uma certa disposição de permanecer em relação mesmo diante da incerteza. É aprender a viver na incerteza, no acaso. Confesso que para mim, e, acredito que para muita gente, é muito difícil lidar com essa incerteza.

Mas, essa ideia de criar relações de confiança me aproxima muito das reflexões de Donna Haraway (2012) sobre responsabilidade. A palavra *response-ability*, que ela utiliza, não diz respeito apenas a uma obrigação moral, mas à capacidade de responder aos seres e às relações que nos constituem. A confiança, para mim, nasce justamente desse reconhecimento de que não existimos separados do mundo que pesquisamos. Para mim, ao longo dos anos, o rio deixou de ser visto como um objeto de investigação e passou a ser um interlocutor, alguém com quem construí uma história compartilhada.

Acho que essa também é uma condição ética da pesquisa antropológica. Pesquisar não é apenas produzir conhecimento sobre algo ou alguém; é entrar em relações que nos transformam e pelas quais passamos a ser responsáveis. A questão deixa de ser apenas "o que posso conhecer?" e passa a incluir "como responder às relações que tornam esse conhecimento possível?" e também, "como atuar eticamente nessa relação?".

Em certa medida, as catástrofes contemporâneas também colocam em xeque a promessa moderna de controle. As mudanças climáticas, a contaminação das águas, a perda da biodiversidade e tantos



outros processos nos lembram que o mundo é mais complexo do que os modelos de previsão, gestão e domínio que aprendemos a construir. Isso não significa abandonar a ciência, mas repensar o que entendemos por conhecimento científico. Precisemos de uma ciência menos preocupada em produzir certezas e mais comprometida em cultivar atenção, responsabilidade e capacidade de resposta diante de um mundo em permanente transformação.

Nesse sentido, tanto Donna Haraway (*Staying with the Trouble*, 2016) quanto Anna Tsing (*The Mushroom at the End of the World*, 2015) nos ajudam a imaginar outras formas de conhecimento. Em vez de uma ciência fundada na distância e na pretensão de uma objetividade absoluta, elas propõem modos de atenção comprometidos com as relações que nos constituem. A catástrofe não é um horizonte distante, mas uma condição do presente. Anna Tsing nos lembra ainda que não vivemos diante da possibilidade de uma ruína futura; vivemos nas ruínas produzidas por determinados modos de desenvolvimento. Diante disso, a pergunta deixa de ser como retornar a um mundo idealizado e passa a ser como cultivar relações capazes de sustentar a vida em paisagens danificadas.

Talvez seja justamente aí que a confiança ganhe importância como uma prática de compromisso com os seres e lugares com os quais compartilhamos a existência. A relação que construí com o rio Piracicaba me ensinou que habitar um mundo em transformação não depende apenas de acumular informações sobre ele. Depende também da capacidade de construir vínculos, assumir responsabilidades e permanecer atento ao que insiste em viver, mesmo em meio às ruínas. Nesse sentido, a confiança pode ser entendida como uma forma de resistência à indiferença. Ela nos convida a permanecer em relação, a continuar respondendo ao mundo e a reconhecer que futuros habitáveis talvez não surjam de grandes soluções técnicas, mas da nossa capacidade de cultivar, cuidar e fortalecer as relações que tornam a vida possível.

Revista Climacom: Em determinado momento da sua tese, você escreve: “Os rios estão por toda parte e não é difícil visualizá-los. Eles estão ao redor, embaixo da terra ou no ar que respiramos. Enquanto escrevo essa tese, os movimentos das águas dos rios alteram margens, leitos, paisagens, vidas, mundos e grafias. Os rios transportam animais, plantas, solos, hidratam, encharcam e afogam modos de existência. Eles afetam nossos corpos, o modo como pensamos e existimos”. Em seguida, complementa: “Entretanto, para percebermos a existência da imensidão de corpos de águas que nos atravessam é preciso prestar atenção, ou talvez, eu dissesse mais atenção”.



Quais são as práticas possíveis, que você observou em seu tempo de pesquisa, para cultivarmos outras temporalidades, percepções e alianças que se atentem à dimensão cósmica e nos coloque em relação com outras formas de vida, como o rio Piracicaba? Quem insiste em praticá-las e nos dá pistas sobre uma conexão atenta a outros seres e forças?

Fernando Monteiro Camargo: Acho que uma das principais lições da pesquisa foi perceber que prestar atenção aos rios exige ampliar os modos pelos quais observamos e nos relacionamos com o mundo. Nesse aspecto, os trabalhos de Tim Ingold foram muito importantes para mim, especialmente *Estar Vivo* (2015), quando propõe que conhecer o mundo não significa observá-lo à distância, mas aprender a acompanhar seus movimentos, seus fluxos e suas transformações. Durante muito tempo, a ciência moderna privilegiou determinadas formas de observação e representação, especialmente a escrita. Embora elas sejam importantes, percebi que nem sempre eram suficientes para acompanhar tudo aquilo que o rio me apresentava. Prestar atenção ao rio exigia também desenhar, fotografar, caminhar por suas margens, ouvir histórias e cultivar outras formas de atenção capazes de acompanhar seus modos de existência.

Por isso, ao longo da pesquisa, fui incorporando outras linguagens e formas de atenção. O desenho me obrigava a desacelerar e permanecer mais tempo junto ao rio. A fotografia não era apenas um instrumento de registro, mas uma forma de encontro e de produção de perguntas. A relação entre desenho e fotografia permitia enxergar coisas diferentes e criar novas conexões. A colagem aproximava tempos, histórias e materiais aparentemente distantes, enquanto a poesia abria espaço para expressar dimensões da experiência que escapavam à escrita acadêmica convencional. Mais do que representar o rio, essas práticas me ajudavam a estar com ele.

Mas essa aprendizagem não aconteceu sozinho. Muitas das pistas que encontrei vieram dos companheiros do rio — pescadores, moradores ribeirinhos, ambientalistas, artistas e pesquisadores — e também de leituras e diálogos com trabalhos produzidos junto a povos indígenas e comunidades tradicionais. De maneiras distintas, todos eles apontam para algo semelhante: os rios não são apenas elementos da paisagem, mas seres com os quais compartilhamos relações de existência. Talvez cultivar outras temporalidades e percepções comece justamente por aí: desacelerar, diversificar nossas formas de atenção e reaprender a perceber as relações que nos conectam aos rios e a tantas outras formas de vida. Quando falo em prestar mais atenção, estou falando de aprender a estar em relação.



Revista Climacom: Em sua pesquisa, a dimensão das imagens muito importa e você as reivindica como modos de produzir conhecimento. Elas são basilares para o atlas-biografia que foi composto pela tese. Você explica: “O esforço de recorrer à fotografia, ao desenho e ao desbordamento do texto em imagem, como modo de expressar, testemunhar, duvidar as experiências com o rio Piracicaba, teve como objetivo deslocar esta pesquisa para um lugar não convencional, aproximando-se daquele ponto de vista do transbordamento, da instabilidade, do mergulho, da correnteza. Tal como o rio, o trabalho com imagens exige respeitar outras temporalidades”. Como pesquisador, como você entende a importância de experimentar e tatear esses caminhos junto às artes em tempos em que a humanidade parece ter saturado e desgastado as comunicações e filosofias?

Fernando Monteiro Camargo: Acho que essa pergunta está muito conectada à anterior. Para mim, a aproximação com as artes não surgiu porque a escrita ou a teoria falharam, mas porque elas, sozinhas, nem sempre conseguiam acompanhar aquilo que a pesquisa me apresentava. O rio transbordava as categorias, os conceitos e até mesmo as formas tradicionais de descrição. Era preciso experimentar outras linguagens. Nesse sentido, fotografia, desenho, colagem e poesia não apareceram como ilustrações da pesquisa, mas como modos de conhecer. Cada uma dessas linguagens me permitia prestar atenção a aspectos diferentes do rio e das relações que o constituem. Elas produziam perguntas, criavam conexões inesperadas e exigiam outras temporalidades de observação e de pensamento.

Acho que as artes têm uma potência importante justamente porque nos ajudam a cultivar atenção. Enquanto grande parte da ciência moderna foi construída em torno da explicação, da classificação e da produção de conhecimento sobre o mundo, as práticas artísticas muitas vezes nos convidam a permanecer mais tempo com o mundo. Elas criam condições para perceber relações, afetos, presenças e movimentos que frequentemente passam despercebidos. Não se trata de representar melhor a realidade, mas de ampliar nossa capacidade de estar em relação com ela.

Em um tempo marcado por crises ecológicas, climáticas e sociais, precisamos de mais formas de atenção capazes de nos recolocar em relação com o mundo. Nesse sentido, a aproximação entre arte e pesquisa não é apenas uma escolha metodológica. É também uma escolha ética e política. Trata-se de criar condições para perceber, sentir e imaginar outras formas de existência e



convivência, especialmente com aqueles seres que a modernidade muitas vezes transformou em cenário, recurso ou objeto de conhecimento.

Por isso, vejo as imagens como parte fundamental da produção de conhecimento. Elas não servem apenas para mostrar algo que já sabemos. Muitas vezes, elas são justamente aquilo que nos permite pensar algo que ainda não sabemos. Mais do que comunicar resultados, elas criam modos de atenção.

Revista ClimaCom: Em um dos verbetes que compõem o Atlas-Biografia, você fala sobre a festa do Divino Espírito Santo, que já foi um tópico em suas pesquisas anteriores também. Você observa que, no evento, há um engajamento coletivo que desafia relações de poder. Há a participação do rio dizendo qual o melhor momento do ano para a festividade, há uma “descentralização da Igreja” e há também uma diversidade de espiritualidades envolvidas na celebração. Não podemos deixar de comentar que o Rio Piracicaba apresenta uma dimensão política e também espiritual. O que você observa sobre a agência dos seres mais que humanos nesses âmbitos?

Fernando Monteiro Camargo: Acho que uma das coisas que a Festa do Divino me ensinou foi justamente a dificuldade de sustentar algumas das separações que a modernidade nos acostumou a fazer. Ali, o rio não aparece apenas como cenário da celebração, mas como uma presença que participa da própria composição da festa. O regime das chuvas, o nível das águas, os ciclos do rio e suas transformações ajudam a definir momentos, ritmos e possibilidades de realização da celebração. Isso não significa atribuir intenções humanas ao rio, mas reconhecer que ele participa ativamente da constituição daquele coletivo. Em certa medida, a festa evidencia que decisões, práticas e modos de organização da vida não são produzidos apenas por aquilo que consideramos humanos. Elas emergem de relações entre pessoas, águas, santos, barcos, peixes, memórias, paisagens e muitas outras presenças.

Talvez por isso eu tenha me interessado tanto por esse evento. A Festa do Divino mostra que a política não acontece apenas nos espaços institucionalizados da representação e do Estado. Ela também acontece na composição cotidiana das relações que tornam a vida possível. E, da mesma forma, a espiritualidade não aparece como algo separado do mundo material, mas como uma forma de cultivar relações com seres, forças e presenças que excedem o humano. Nesse sentido, a agência dos seres mais que humanos está na capacidade de afetar, orientar, limitar, possibilitar e



transformar modos de existência. O rio não é apenas algo sobre o qual se age. Ele também age sobre aqueles que vivem com ele. E talvez uma das contribuições da antropologia seja justamente aprender a levar essas formas de participação a sério.

Revista Climacom: Já no final da tese, você fala sobre a necropolítica a partir de autores como Mbembe e expõe o funcionamento dela contra os rios, que envolve inclusive o Estado. Desde o título de seu trabalho, você parece estar no esforço de propor desvios e afirmar a vida. Ou melhor, as vidas. O que o rio Piracicaba te ensinou intimamente sobre essa afirmação, desde as miudezas das nossas existências até o nível de políticas públicas?

Fernando Monteiro Camargo: Acho que o rio Piracicaba me ensinou, antes de tudo, que vida e morte não são opostos absolutos. Ao longo da pesquisa, acompanhei processos de degradação, poluição, desaparecimentos e diferentes formas de violência dirigidas ao rio e aos seres que vivem com ele. Mas também acompanhei encontros, festas, mobilizações, cuidados, memórias e formas persistentes de resistência. O rio me mostrou que a vida não acontece apesar dos conflitos, mas muitas vezes em meio a eles. Talvez por isso eu tenha me interessado pela noção de necropolítica. Ela ajuda a compreender como determinados modos de desenvolvimento, muitas vezes articulados pelo próprio Estado, produzem condições de morte para rios, florestas, territórios e populações. Mas a pesquisa também me fez perceber que essas histórias não podem ser contadas apenas a partir da destruição. Existem sempre forças que insistem em viver.

O rio Piracicaba me ensinou muito sobre essa insistência. Mesmo profundamente transformado, poluído e controlado em diferentes momentos de sua história, ele continua produzindo encontros, memórias, afetos e formas de mobilização coletiva. Há algo profundamente resistente nos rios. Não porque sejam invencíveis, mas porque continuam encontrando maneiras de seguir existindo e de afetar aqueles que vivem com eles. Isso vale tanto para a vida cotidiana quanto para as políticas públicas. Nas miudezas da existência, o rio me ensinou a prestar atenção aos vínculos que sustentam a vida. Em uma escala mais ampla, ele me ensinou que qualquer política comprometida com o futuro precisa reconhecer nossa interdependência com os muitos seres que compõem o mundo.

Por isso, quando penso em afirmar a vida, não penso em uma celebração ingênua ou otimista. Penso na capacidade de cultivar relações, sustentar alianças e reconhecer as múltiplas formas de existência que insistem em florescer, mesmo em contextos marcados pela violência e pela



destruição. Foi isso que o rio Piracicaba mais me ensinou: a resistência não está apenas nos grandes gestos, mas também na persistência cotidiana da vida em continuar acontecendo.

Revista Climacom: Em um artigo publicado na Climacom como desdobramento da tese, você produz cartões postais com imagens do rio Piracicaba e as entende como “gestos de inclinação”. Em determinado momento, elabora: “O ato de construir esses postais implicou essa mesma inclinação: olhar com o rio não de um ponto de vista seguro, mas deixando-se levar por seus fluxos, seus transbordamentos, seus desvios inesperados. Levar a sério o que o rio tem a nos dizer é reconhecer que a instabilidade de suas águas nos revela outras perspectivas”. Como todos esses processos de pesquisa e arte te interpelaram, te descentralizaram de perspectivas dadas e te comoveram a ponto de te inclinar?

Fernando Monteiro Camargo: Essa pergunta me fez retornar a *Pensar debruçado* (2015), de Georges Didi-Huberman. Nesse pequeno texto, ele propõe o debruçar-se como uma forma de pensamento, um gesto que envolve aproximação, atenção e disponibilidade para ser afetado pelo mundo. Quando nos debruçamos sobre algo, deixamos uma posição confortável e nos colocamos em relação com aquilo que está diante de nós. Acho que os processos de pesquisa e criação com o rio Piracicaba produziram algo dessa ordem. Eles me convidaram a permanecer mais tempo junto de perguntas que não tinham respostas imediatas, a acompanhar processos sem saber exatamente onde eles iriam me levar e a prestar atenção em relações que antes passavam despercebidas.

Os cartões postais me parecem muito ligados a isso. Eles surgiram do desejo de acompanhar os movimentos do rio sem fixá-los completamente. Cada imagem carrega algo da correnteza, do desvio, do encontro e da transformação. Talvez por isso eu os tenha chamado de gestos. Eles não oferecem conclusões. Eles convidam a uma aproximação. O que mais me interessa na imagem do debruçar-se é que ela desloca a ideia de conhecimento como domínio. Debruçar-se exige convivência, atenção e disponibilidade para ser afetado. Em um mundo marcado por tantas formas de aceleração, simplificação e produção de certezas, esse gesto me parece cada vez mais importante.

O rio Piracicaba me ensinou justamente isso: que compreender o mundo depende da capacidade de permanecer junto dele, acompanhando seus movimentos, suas incertezas e seus



transbordamentos. Debruçar-se, nesse sentido, é reconhecer que o conhecimento nasce das relações que somos capazes de cultivar e da nossa disposição para seguir aprendendo com elas.

Revista Climacom: No livro “Modos de Fazer e Contar no Labirinto”, você publicou um capítulo cujo título parte da seguinte interrogação: “Como fazer uma biografia de um rio?”. Na escrita, você diz: “Encaro a biografia como um processo interpretativo e relacional que não narra vidas individuais de forma linear, mas as inscreve em contextos sociais, culturais e políticos, articulando singularidades e coletivos, memórias e discursos”. Tanto em sua tese quanto nesta publicação mencionada, há uma percepção de abertura para criar novos encontros e imaginar possibilidades de futuro em dimensões coletivas e responsáveis a partir do que foi escrito, fotografado, desenhado. Desse modo, sua escrita não encerra. Pelo contrário, convoca e multiplica. Como essa biografia continua a se desenrolar e a proliferar em suas pesquisas atuais, inclusive na relação com o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia - Observatório Nacional de Segurança Hídrica e Gestão Adaptativa (INCT - ONSEAdapta)?

Fernando Monteiro Camargo: Tenho a impressão de que uma biografia de rio nunca termina. Talvez porque os rios estejam sempre em movimento, produzindo novos encontros, memórias, conflitos e histórias. Nesse sentido, o Atlas-Biografia não foi pensado como um ponto de chegada, mas como uma abertura para que outras narrativas e relações continuassem a emergir. Um dos desejos que continuam me acompanhando é justamente ampliar o Atlas-Biografia do rio Piracicaba, disponível em www.biografiariopiracicaba.com.br, transformando-o em uma plataforma mais colaborativa, capaz de acolher outras histórias, imagens, memórias e experiências relacionadas ao rio. Desde o início, a intenção não foi construir uma narrativa definitiva sobre o Piracicaba, mas criar condições para que diferentes pessoas pudessem contar suas próprias histórias com ele.

Ao mesmo tempo, as questões que surgiram durante a pesquisa continuam se desdobrando em novas direções. Tenho me interessado cada vez mais pelas materialidades das águas e pelas histórias que elas carregam. Isso significa acompanhar não apenas os rios em si, mas também sedimentos, enchentes, secas, infraestruturas, poluentes, organismos e tantos outros elementos que participam da composição dos mundos aquáticos.



Outra questão que tem mobilizado minhas pesquisas diz respeito às formas de representação das águas. Tenho procurado compreender como diferentes maneiras de representar rios, bacias hidrográficas, enchentes, secas ou paisagens aquáticas produzem também diferentes formas de relação. As representações não apenas descrevem as águas; elas ajudam a definir como as percebemos, como nos relacionamos com elas e até mesmo quais futuros e quais políticas conseguimos imaginar.

Nesse sentido, o trabalho que venho desenvolvendo junto ao INCT ONSEAdapta tem sido uma oportunidade importante para continuar explorando essas questões. Tenho me interessado especialmente pelos encontros entre diferentes formas de conhecimento e pelos modos como produzimos atenção às águas, aos riscos e às transformações ambientais que atravessam o presente. Por isso, a pergunta “como fazer uma biografia de um rio?” continua me acompanhando. Hoje ela talvez tenha se multiplicado em outras perguntas: como as águas contam histórias? Como aprendemos a percebê-las? Como diferentes formas de representação produzem diferentes formas de relação? São questões que continuam abrindo caminhos de pesquisa e que, de certa forma, mantêm a biografia do rio Piracicaba em permanente movimento.

Revista Climacom: Para finalizar, ainda no âmbito do INCT - ONSEAdapta, junto à pesquisadora Susana Dias, você coloca em prática a proposição da Mesa de Trabalho com as Águas. Você pode citar alguns dos momentos que ela foi realizada e quais são suas principais movimentações artísticas e filosóficas em conexão com o projeto?

Fernando Monteiro Camargo: A Mesa de Trabalho com as Águas surgiu no contexto do INCT ONSEAdapta, especialmente junto à Unidade Científica de Comunicação, Arte e Cultura, coordenada por Susana Dias e Lilian Maus, como uma proposta de pesquisa, criação e experimentação coletiva com as águas. Desde sua formulação, ela já foi realizada em diferentes contextos, como no Labjor-Unicamp, em encontros com grupos de dança, na Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM), em Salvador, e mais recentemente em Recife, durante a Semana das Águas, em atividade realizada junto à Agência Pernambucana de Águas e Clima (Apac).

O que mais me interessa na Mesa é que ela não funciona como um espaço para transmitir conhecimentos sobre as águas, mas como um dispositivo para pensar com elas. Em cada encontro, reunimos mapas, imagens, cartões-postais, bandeiras, sementes, folhas, argila, narrativas e



diferentes materiais que atuam como disparadores de memórias, perguntas e processos de criação. A proposta não busca chegar a respostas consensuais, mas criar condições para que diferentes saberes, experiências e sensibilidades entrem em relação. A Mesa parte da aposta de que as águas não são apenas temas ou objetos de conhecimento, mas presenças capazes de afetar modos de pensar, sentir e imaginar. Nesse sentido, ela dialoga com diferentes autoras e autores que nos ajudam a acompanhar as águas em seus fluxos, transbordamentos, materialidades e relações, reconhecendo que elas atravessam corpos, territórios, memórias, infraestruturas e formas de vida.

Do ponto de vista das experimentações, a Mesa mobiliza práticas de desenho, escrita, cartografia experimental, modelagem em argila, colagem e composição visual. Mas essas práticas não aparecem como ilustração de conceitos. Elas funcionam como formas de atenção, criando possibilidades para perceber as águas, suas histórias e seus companheiros de outras maneiras. Em vez de representar rios, buscamos criar situações em que seja possível habitar provisoriamente seus fluxos, seus transbordamentos e suas múltiplas relações. A principal movimentação da Mesa está justamente na experimentação coletiva de formas de imaginação, cuidado e composição com as águas. Ela cria condições para que diferentes saberes, experiências, memórias e materialidades entrem em relação, reconhecendo que as águas não apenas atravessam territórios, mas também atravessam modos de existência, formas de conhecimento e futuros possíveis.

[1] Mestre e Doutoranda em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), bolsista CNPq, jornalista da *ClimaCom*. Essa reportagem faz parte das atividades do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia - Observatório Nacional de Segurança Hídrica e Gestão Adaptativa (INCT - ONSEAdapta). Integra o coletivo e grupo de Pesquisa | multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações (CNPq). Email: emanelymiranda.em@gmail.com